

## ALÉM DO TEMPO: OS DESAFIOS DAS PESSOAS COM DIAGNÓSTICO TARDIO DE AUTISMO

Fernanda Gislayne dos Santos Cardoso <sup>1</sup>  
Cristiane de Melo Moreira <sup>2</sup>  
Samille Sâmila Vieira de Souza <sup>3</sup>  
Thaís Fontenelle Bezerra <sup>4</sup>  
Yngryd Yasmim Rodrigues de Souza <sup>5</sup>  
Adriana de Alencar Gomes Pinheiro <sup>6</sup>

### RESUMO

O Transtorno Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que aponta as seguintes características: déficit de comunicação, interação social, interesses e atividades atípicas, além de movimentos estereotipados, dentre outros. No Brasil, em 2012, foi criada a Lei 12.764 que estabelece a Política Nacional dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista que prevê saúde e proteção integral às pessoas com este espectro, por isso, um diagnóstico de TEA possibilita a garantia desses direitos e abre caminhos para acesso às melhorias na qualidade de vida. A ampliação do acesso à informação, aumento de profissionais especializados e mudanças nos critérios de diagnósticos, são fatores que propiciam o diagnóstico tardio, contudo, ainda é inexplorado os desafios enfrentados durante o período pós diagnóstico. Dessa forma, o presente estudo visa conhecer os impactos do diagnóstico tardio em pessoas com autismo dentro da literatura já existente. Além disso, objetivou-se identificar as possíveis comorbidades causadas pelo diagnóstico tardio de autismo, apontando os possíveis prejuízos no desenvolvimento acadêmico e profissional e por conseguinte, analisar como a desinformação e o capacitismo impactam na aceitação do diagnóstico. Diante disso, este estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa e exploratória, realizada através da técnica de revisão bibliográfica. Foram consultadas as bases de dados Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando os descritores "autismo", "diagnóstico tardio" e "prejuízos". Assim, espera-se que esta pesquisa ajude a entender os efeitos do diagnóstico tardio de TEA e a desenvolver estratégias para minimizar os prejuízos, promovendo maior inclusão para as pessoas com autismo.

**Palavras-chave:** Autismo, Diagnóstico Tardio, Prejuízos, Adultos.

---

<sup>1</sup>Graduada do Curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, [fernandagislayne@gmail.com](mailto:fernandagislayne@gmail.com);

<sup>2</sup>Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação na Universidade Regional do Cariri - Urca, [cristiane.melo@urca.br](mailto:cristiane.melo@urca.br);

<sup>3</sup>Graduada pelo Curso de Psicologia do Centro Universitário Paraíso - UniFAP, [samillevieira@aluno.fapce.edu.br](mailto:samillevieira@aluno.fapce.edu.br);

<sup>4</sup>Graduada do Curso de Psicologia do Centro Universitário Paraíso - UniFAP, [thaisfontenelle@aluno.fapce.edu.br](mailto:thaisfontenelle@aluno.fapce.edu.br);

<sup>5</sup> Graduada do Curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, [yngrydpsi@gmail.com](mailto:yngrydpsi@gmail.com);

<sup>6</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Docente e Coordenadora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Paraíso - UniFAP, [adriana.alencar@fapce.edu.br](mailto:adriana.alencar@fapce.edu.br).

## INTRODUÇÃO

De acordo com o DSM-V (APA, 2014), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por um padrão persistente de déficits na comunicação e interação social em diversos contextos. Esses déficits se manifestam de diferentes formas, incluindo dificuldades na reciprocidade socioemocional e na comunicação, bem como padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Os critérios diagnósticos também consideram comportamentos motores, como estereotípias e movimentos repetitivos, além de interesses fixos e restritos e hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais. Os sintomas do TEA podem causar prejuízos clinicamente significativos nas interações sociais, mas, nem sempre são diagnosticados na infância.

O TEA pode ser classificado em três níveis de gravidade, que correspondem aos níveis de suporte necessários. O DSM-V (APA, 2014) descreve o Nível 1 como: “Exigindo apoio”, o Nível 2 como “Exigindo apoio substancial”, e Nível 3 “Exigindo apoio muito substancial”. Diante disso, cada nível de suporte implica em diferentes graus de impacto no desenvolvimento e funcionamento do sujeito. O diagnóstico deve ser feito por profissionais especializados, visando a evolução gradativa do paciente para que alcance novos patamares do desenvolvimento (Gaiato, 2024). No entanto, pessoas com o Nível 1 de suporte frequentemente recebem o diagnóstico tardiamente, geralmente na adolescência ou na vida adulta.

No Brasil, faltam registros de fontes confiáveis a respeito de dados quantitativos sobre o autismo, e a maioria dos artigos científicos pesquisados utilizam os dados coletados pela *Center for Disease Control and Prevention* (CDC), uma agência Federal dos Estados Unidos, que realiza coleta de dados e oferece orientações para diversas questões de saúde pública. Os dados mais recentes indicam que aproximadamente uma em cada trinta e seis crianças é identificada com TEA nos EUA (CDC, 2023). Isso revela a dificuldade em estabelecer um diagnóstico, especialmente devido à variabilidade dos sintomas, o que se torna um desafio ainda maior para profissionais sem formação específica para o transtorno.

Nos últimos dez anos houve uma melhora significativa no acesso ao diagnóstico do TEA, em decorrência de maior conscientização sobre o transtorno e aumento de profissionais capacitados para tal. Entretanto, até recentemente, muitos casos de TEA passavam despercebidos na infância, resultando em diagnósticos tardios,

frequentemente na adolescência e na vida adulta. Esse cenário se deve à falta de conhecimento e de recursos disponíveis no passado, dificultando a identificação precoce, e, conseqüentemente, intervenções adequadas. Atualmente, em decorrência dos déficits diagnósticos do passado, o diagnóstico tardio de autismo é comum, especialmente em pessoas com Nível 1 de suporte, que apresentam prejuízos nas relações sociais e profissionais.

Dessa forma, para a realização da seguinte pesquisa foi eleito como objetivo geral: Conhecer os impactos do diagnóstico tardio em pessoas com autismo. Para isso, foram elencados os seguintes objetivos específicos: Identificar as possíveis comorbidades causadas pelo diagnóstico tardio de autismo; Apontar os possíveis prejuízos no desenvolvimento acadêmico e profissional; e, por conseguinte, Analisar como a desinformação e o capacitismo impactam na aceitação do diagnóstico.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo caracteriza-se por uma perspectiva qualitativa, com o objetivo de compreender as conseqüências do diagnóstico tardio de TEA em jovens e adultos. Para a coleta de dados, foi utilizada a técnica de revisão bibliográfica, buscando pesquisas anteriores para fundamentar o seguinte estudo. Além disso, foi empregada a análise documental por meio de pesquisa em sites oficiais, como o CDC e Planalto. A pesquisa utilizou a base de dados do Google Acadêmico por meio dos descritores: “Autismo”, “Diagnóstico Tardio” e “Adultos”.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Autismo e Comorbidades**

Ao se tratar do campo de pesquisa das comorbidades implicadas no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), há uma variabilidade de achados a respeito desse aspecto devido à questões multifatoriais que englobam a patologia. Para tanto, é necessário compreender que os estudos acerca das comorbidades são importantes para definição de um bom prognóstico, principalmente em se tratando do diagnóstico tardio, que vem ganhando mais espaço nos debates científicos apenas recentemente (Ribeiro, 2015).

De acordo com o DSM-V (2014), a maioria dos pacientes com TEA apresentam sintomas psiquiátricos, porém, estes não se caracterizam como critérios diagnósticos para o transtorno. Aponta-se que em média 70% dos indivíduos com TEA podem ter um perturbação mental como comorbidade, e 40% podem ter dois ou mais comorbidades de perturbações mentais (APA, 2014).

Dessa forma, foi observado que os artigos analisados exploram tanto aspectos neurobiológicos, quanto a correlação entre TEA e transtornos psiquiátricos, contudo, não especificam ou direcionam os estudos para os casos de diagnósticos tardios. Segundo Menezes (2020), a presença concomitante desses dois aspectos supracitados (neurobiológicos e psiquiátricos) são comuns de serem observados em pacientes com autismo, em que muitas vezes é ocasionado pelo próprio transtorno, ou apenas coincidindo juntos.

Segundo Dias *et. al.*, (2023), em sua análise realizada sobre as comorbidades, apontou que a maior prevalência são de distúrbios psiquiátricos, com maior incidência da ansiedade, correspondendo a 60% dos casos, sucedida por depressão com 45% e por último o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) com 30%, confirmando a incidência de transtornos psiquiátricos associados ao TEA feita pelo DSM-V. Além dessas, encontra-se ainda: transtorno obsessivo compulsivo (TOC), perturbações psicóticas (especialmente em adultos), Transtorno opositor-desafiador, e apenas 4-5% dos casos apresentam transtornos alimentares, frequentemente em indivíduos do sexo feminino.

As perturbações de personalidade e de comportamento também são identificadas em pessoas autistas, e os apontamentos levantados pelos autores demonstram que as características diagnósticas do transtorno podem desencadear o surgimento das mesmas como: dificuldade de compreender o outro, as falhas repetidas em experiências sociais, dificuldades na comunicação e rupturas de rotina e até mesmo de algumas vivências de maus tratos (Dias *et. al.*, 2023). Vale salientar que as comorbidades psiquiátricas, causam impactos no processo de diagnóstico do autismo, visto que, os sinais e sintomas presentes são de difícil distinção dos provenientes do próprio transtorno, afetando também as possíveis estratégias de intervenções que poderão ser utilizadas (Ribeiro, 2015).

Fagundes e Costa (2023), destacam que o distúrbio do sono, epilepsia, estereotipia, comportamento infrator e deficiência intelectual (DI), também são prevalentes como comorbidades, destacando o DI com maior incidência em comparação

aos outros. Tais fatores podem ser desafiadores para os profissionais da saúde que lidam diretamente com estes casos, sendo fundamental possuírem ferramentas e conhecimentos necessários para atuarem na melhoria da qualidade de vida dos indivíduos.

### **Prejuízos no Desenvolvimento Acadêmico e Profissional**

Ao decorrer dos anos, houve uma crescente no que se refere a inserção de estudantes com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) . A chegada recorrente desse grupo na universidade, trouxe também preocupações em relação a permanência desses estudantes no ensino superior, devido às questões de acessibilidade e as possíveis barreiras no processo de educação, assim como, fatores acadêmicos, ambientais, sociais, desempenho dos docentes com essa demanda, e interação dos outros estudantes com esse grupo (Silva, *et.al*, 2019).

Nesta perspectiva, entende-se que a mudança de um ensino mais estruturado, como o ensino médio, para o ambiente universitário, traz para os estudantes com TEA exigências voltadas para questões emocionais e psicossociais que contribuem para o comprometimento no desempenho acadêmico, tendo em vista tais exigências podem gerar falta de motivação, perda de interesse, dificuldades com a organização dos estudos, dificuldades de compreensão e aumento da sensibilidade sensorial, e isto pode desencadear sintomas de ansiedade (Silva, *et.al*, 2019).

As dificuldades que as pessoas com TEA enfrentam no ambiente acadêmico infelizmente não permanecem apenas no ensino superior, de forma que se apresentam no âmbito profissional. A inclusão desse grupo no mercado de trabalho passa por um série de dificuldades relacionadas com: diagnóstico tardio, restrições de acesso a educação, negação de terapias entre outros fatores que contribuem de forma negativa para a autonomia de autistas, aceitação no mercado de trabalho, discriminação dos colegas de trabalho, oferta de vagas com baixa qualidade, falta de preparo vocacional, essas são algumas das dificuldades enfrentadas por essas pessoas de acordo com a literatura (Leopoldino e Coelho, 2017).

### **Consequências da Desinformação e Capacitismo no Diagnóstico**

Fala-se com frequência da importância do diagnóstico precoce no que se refere à realização de intervenções o mais cedo possível e assim desenvolver e estimular áreas, reduzindo assim prejuízos que possam vir a dificultar a vida da pessoa autista. Ao decorrer dos anos e pesquisas, os critérios para reconhecimento deste diagnóstico ampliaram-se, assim como, os meios para avaliação dos mesmos. As características apresentadas por cada pessoa variam tendo maior ou menor ênfase em determinadas áreas. Apesar de ser comum falar da importância do diagnóstico precoce, deve-se considerar que pode ser feito em qualquer idade.

O diagnóstico pode ocorrer tardiamente, inclusive na fase adulta. É comum que autistas com nível de suporte 1 passem despercebidos durante maior parte da infância e adolescência, pois, como é abordado por Menezes (2020), o comprometimento acaba sendo menos evidente, sendo necessário para este diagnóstico uma compreensão de diversas áreas, fatores do desenvolvimento, ambiente e história pregressa contada pelo próprio indivíduo e pessoas do seu convívio.

A falta de conhecimento acerca da diversidade de critérios e prejuízos presentes no dia-a-dia da pessoa autista, acaba por acarretar na demora do diagnóstico e por consequência, dificultar o acesso aos direitos legais e adaptações necessárias em diversos ambientes como o acadêmico, profissional e familiar.

Um dos principais impactos decorrentes da desinformação se dá também através da invalidação do diagnóstico de pessoas que não atendem aos estereótipos criados, dificultando assim o acesso aos direitos. Como é dado o exemplo da linguagem, para Barros (2016):

Desta maneira, parece que o autismo vem acompanhado pelo signo linguístico 'não' na forma de um discurso social desanimador: não apresenta linguagem, não fala, está fora da linguagem, resiste ao contato de outras pessoas, foge ao olhar, não gosta de mudanças na rotina, não usa a imaginação de maneira adequada. Somados a estes aspectos, características sintomatológicas próprias do autismo, a exemplo de estereotípias motoras e vocais, são negadas enquanto linguagem dentro de uma concepção tradicional de assistência ao sujeito autista. Diante disso, parece que os sintomas negam o sujeito e a sua linguagem, colocando o autista no lugar do não, onde nada existe, onde nada seria possível.

Visto isso, essas pessoas acabam chegando até o momento do diagnóstico sem receber tratamento e adaptações necessárias para maior funcionalidade. Sendo ainda comuns comorbidades associadas atreladas a isso como depressão, ansiedade, etc.

O termo capacitismo, originalmente vindo do inglês “*ableism*”, apesar de relativamente recente no Brasil, popularizou-se nos Estados Unidos na década de 80 durante os movimentos sociais em prol das pessoas com deficiência (PCD), como é abordado em Soares (2020). Neste sentido, o capacitismo é visto como a forma com a qual pessoas que estão fora dos padrões normativos e de adequação ao que se é tido como “perfeito” são vistas como inaptas ou incapazes.

Como citado em Araújo (2023), é necessário que a sociedade e profissionais estejam preparados para haja uma inclusão eficaz. Sem conhecimento não é possível a inclusão, pois, desconhecendo o diagnóstico na sua amplitude, fica mais propensa a disseminação de desinformação e preconceitos, supondo que as pessoas que carregam este diagnóstico são menos capazes de realizar atividades comuns ou em âmbito profissional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As comorbidades associadas ao Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) revelam a necessidade de uma abordagem terapêutica multidisciplinar para analisar, compreender e cuidar das diversas condições que podem ou não coexistir com o autismo. Em consonância, os estudos revisados denotam uma predominância significativa de transtornos psiquiátricos, como ansiedade, depressão, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), Transtorno Opositor-Desafiador (TOD).

Por conseguinte, a identificação dessas comorbidades associadas ao autismo, especialmente em casos de diagnóstico tardio, é fundamental para o aperfeiçoamento de um planejamento com estratégias adequadas para o tratamento, posto que esses sintomas consorciados podem embaralhar o processo do diagnóstico e dificultar as possíveis abordagens terapêuticas.

Já no cenário educacional e profissional, o contexto dos desafios enfrentados pelas pessoas autistas, escancaram as lacunas de acessibilidade e inclusão, por isso, a transição entre a formação acadêmica e o mercado de trabalho explicitam a falta de adaptabilidade adequada, o preconceito, a desinformação e despreparo para recebê-los em ambos os setores.

Em concordância, o diagnóstico tardio também dificulta o acesso a direitos legais, e intensifica o capacitismo. Nesse ínterim, é primordial que os profissionais da saúde e

educação sejam comprometidos com uma formação mais qualificada, inclusiva e sensível, para enfim, garantir uma melhor qualidade de vida e um futuro mais inclusivo para as pessoas autistas.

Diante desse contexto apresentado, percebemos que esse campo de estudos sobre o TEA ainda está muito incipiente, por isso, recomendamos pesquisas contínuas sobre esse tema, a fim de manter-se sempre atualizado no sentido de contribuir com a inclusão e adaptações necessárias para a inserção dessas pessoas em todas as esferas da sociedade.

## REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, AGR; SILVA, MA DA; ZANON, RB AUTISMO, NEURODIVERSIDADE E ESTIGMA: PERSPECTIVAS POLÍTICAS E DE INCLUSÃO. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 27, p. e247367, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/S5FdcTLWS9bPdJwPXCdmnHz/#>. Acesso em 29 ago. 2024.

BARROS, IB DO R.; FONTE, RFL DA. Estereotípias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 4, pág. 745–763, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbla/a/9TbpRpGMG4sqDSSbFXDTKFF/#:~:text=Entendemos%20que%20para%20se%20configurar,%3B%20ter%20uma%20const%C3%A2ncia%3B%20permanecer%2C>. Acesso em 29 ago. 2024.

DA SILVA, Solange Cristina et al. Perfil acadêmico dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista matriculados no Ensino Superior. **Revista Educação Especial**, v. 32, p. 1-32, 2019.

DATA and Statistics on Autism Spectrum Disorder. 16 maio 2024. Disponível em: <https://www.cdc.gov/autism/data-research/index.html>. Acesso em: 26 ago. 2024.

DIAS, R. I. R.; ROCHA, M. E. de S. B.; OLIVEIRA, D. M. de; WEGE, C. E.; LOPES, D. A. da C.; FILHO, A. da S. M.; SOUZA, J. D. de; HORTA, A. A. B.; RIBEIRO, R. S. B.; VASCONCELOS, G. F.; SOUZA, A. D. P. de; SAPORI, A. C. M. caxeado.

AUTISMO E COMORBIDADES PSIQUIÁTRICAS: UMA ANÁLISE CRÍTICA NA LITERATURA - UMA REVISÃO SISTEMÁTICA COM ENFOQUE NA REVISÃO DE LITERATURA. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 3193–3202, 2023. DOI: 10.36557/2674-8169.2023v5n5p3193-3202.

Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/843>. Acesso em: 31 ago. 2024.



FAGUNDES, P.; COSTA, C. A. AUTISMO E COMORBIDADES: EXPLORANDO AS CONEXÕES ENTRE TEA E OUTRAS CONDIÇÕES DE SAÚDE. **Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais**, [S. l.], v. 21, 2023. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/2469>. Acesso em: 31 ago. 2024.

GAIATO, Mayra Helena Bonifácio et al. Análise comparativa do comportamento verbal nos três níveis de suporte do autismo. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 13, p. e5328-e5328, 2024.

MENEZES, Michelle Zaira Maciel. O DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA FASE ADULTA. 2020. 36f. (Monografia para especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/35946/1/O%20DIAGN%C3%93STICO%20DO%20TRANSTORNO%20DO%20ESPECTRO%20AUTISTA%20NA%20FASE%20ADULTA.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2024.

LEOPOLDINO, Claudio Bezerra; COELHO, Pedro Felipe da Costa. O processo de inclusão de autistas no mercado de trabalho. **Revista Economia & Gestão**, v. 17, n. 48, p. 141-156, 2017.

PREVALENCE and Characteristics of Autism Spectrum Disorder ... 24 mar. 2023. Disponível em: [https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/72/ss/ss7202a1.htm?s\\_cid=ss7202a1\\_w](https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/72/ss/ss7202a1.htm?s_cid=ss7202a1_w). Acesso em: 26 ago. 2024.

RIBEIRO, J. F. A. Perturbação do espectro do autismo: artigo de revisão das comorbidades associadas. Trabalho Final do Curso de Mestrado Integrado em Medicina, Faculdade de Medicina- Universidade de Lisboa, 2015 Lisboa – Portugal. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/25713>. Acesso em: 31 ago. 2024.

SOARES, B. DOS S.; RIBEIRO, IP A influência do capacitismo no Decreto nº 10.502/2020 e no texto da PNEE 2020. **Educação e Pesquisa**, v. e257304, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/HxnKM9bKfc3RzPG3mYYPCGG/>. Acesso em 29 ago. 2024.